

PERCIVALE, Franco, **Da Tommaso a Rosmini. Indagine sull'innatismo con l'ausili dell'esplorazione elettronica dei testi**, Marsilio Editori, Venezia, 2003, 152 p., 210 x 155, ISBN 88-317-8349-1.

Franco Percivale, discípulo de Sciacca, empreendeu a tarefa iniciada por seu mestre, de procurar reconduzir à sua verdade originária um dos grandes pensadores italianos, Rosmini, muitas vezes mal interpretado e quase sistematicamente envolvido em polémica em razão daquilo que se considerava os seus resíduos idealistas e neoluministas. Percivale adopta o método histórico-crítico para atingir o seu objectivo. Integra o pensamento de Rosmini no «sintetismo ontológico», valorizador da distinção e relação entre as três formas do ser: ideal, real e moral. Considera a idealidade do ser como a chave que possibilita a justa consanguinidade entre o pensamento rosminiano e o de Tomás de Aquino.

A análise de Percivale, sempre muito documentada, procura dissecar meticulosamente o inatismo tomasiano, até chegar, no último capítulo, à sua interpretação por Rosmini. A sua conclusão é mesmo a de que este filósofo, através de uma crítica construtiva do pensamento do Ocidente e especialmente da modernidade, deve ser considerado, tal como já o fizera Sciacca, como «o único grande neotomista», verdadeiro pensador original, que não mero comentador do Aquinate; ou, como opinara Raschini, um novo Agostinho, ao mesmo tempo que um novo Tomás, oferecendo um corpo de pensamento capaz de fecundar a vida do espírito no novo século que apenas está emergindo no horizonte da história.

JORGE COUTINHO

FERRARIS, Maurizio, **La Hermenéutica**, col. «Pensamiento y Teología», Ediciones Cristiandad, Madrid, 2004, 184 p., 75 x 105, ISBN 84-7057-483-3.

A palavra «hermenêutica», significando, na sua origem e no seu essencial, «interpretação», tem uma longa história. Hermenêutica foi muito tempo uma técnica de interpretação de textos bíblicos, literários, jurídicos, filosóficos, etc. Desde meados do século XX, porém, podendo mesmo recuar-se até Nietzsche, em finais do século XIX, tornou-se um modo – tendencialmente ou para muitos, mesmo o único modo – de aceder à (possível) verdade das coisas. Daí que, designadamente desde a obra de Gadamer, se fale em hermenêutica filosófica e que a filosofia, de pretensamente «científica» e «metafísica», se tenha convertido em filosofia hermenêutica. Adveio assim a chamada «idade hermenêutica da razão». O modo hermenêutico de aceder à verdade do que quer que seja ganhou foros de universalidade, tendendo a ser considerado como a única via de saber alguma coisa em todos os domínios do saber.

Este pequeno livro de M. Ferraris oferece ao leitor, em linguagem acessível a qualquer iniciando, um excelente manual de iniciação, para uma primeira abordagem do que deve entender-se por hermenêutica, sua história, suas diferentes versões e seus princípios fundamentais. Não se trata, porém, de uma simples exposição. O autor assume uma clara posição crítica, que é simultaneamente uma posição pedagógica. Com efeito, com o jeitinho de uma certa ironia socrática, Ferraris procura conduzir o leitor seu companheiro e aprendiz a pôr em questão múltiplas posições de autores frequentemente tidos e assumidos como monstros sagrados da

hermenêutica (caso, p. ex., Heidegger ou Nietzsche), levando o mesmo leitor a um sábio distanciamento e discernimento em face de teses elas mesmas tidas por muitos como sagradas. Acaba assim por desmontar, ou pelo menos, por abalar muitas das certezas típicas de uma corrente filosófica que, pelos seus pressupostos, nem tem legitimidade para propor coisa alguma como certa. Esta operação crítica ocupa a maior parte das páginas do texto, desde a p. 47 até ao fim.

Uma extensa bibliografia (pp. 157-179), integrando os autores e obras mais significativos, seja de incidência directa seja mais ou menos indirecta na história e na problemática da hermenêutica, completa este precioso livro, cuja leitura se torna tão actual e interessante como actual e excessiva (especialmente por exclusiva) se apresenta hoje a corrente hermenêutica do pensamento.

JORGE COUTINHO

QUINTEIRO FIUZA, Luis, **Repensar la Metafísica. Desde el Realismo Transcendental de J. I. de Alcorta**, «Collectanea Scientifica Compostellana» 8, Instituto Teológico Compostelano, Santiago de Compostela, 2002, 304 p., 240 x 165, ISBN 84-7009-377-0.

O autor deste estudo é doutorado em Filosofia e actualmente Bispo Auxiliar de Santiago de Compostela. O autor estudado, J. I. de Alcorta, foi um vigoroso professor, pensador e escritor espanhol que cultivou e procurou inculcar a ideia de que o grande problema da filosofia é o ser e de que o próprio problema do conhecer radica na questão do ser: não há conhecer se não a partir do ser. Formado na tradição

escolástica, assume em face dela uma posição crítica, assumindo e superando ao mesmo tempo, no que considera a sua insuficiência, o realismo moderado daquela.

Seguindo Alcorta, Quinteiro Fiuza expõe e reflecte em sucessivos capítulos sobre filosofia e conhecimento, o espírito e suas modalidades no campo da complexão transcendental, a interconexão originária do ser e do conhecer transcendental, o ser *a priori* mental, o conformar-se da subjectividade, o ser transcendental e a fundamentação da Ética, o ser transcendental e a pessoa. Coteja o pensamento de Alcorta – que faz questão de qualificar como um «transcendentalismo realista» – com o de grandes correntes e autores, especialmente mais próximos no tempo, como o idealismo, Husserl, Heidegger, X. Zubiri e Amor Ruibal.

Num tempo em que faz moda e se tornou de bom tom proclamar o «fim da metafísica», esta é uma obra de coragem e de grande actualidade. Repensar, que não simplesmente restaurar, a Metafísica é, sem dúvida, uma tarefa necessária e urgente.

JORGE COUTINHO

Ferro Couselo, Manuel, **Estudios Filosófico-Teológicos**, «Collectanea Scientifica Compostellana» 13, Instituto Teológico Compostelano, Santiago de Compostela, 2003, 586 p., 240 x 165, ISBN 84-933023-6-8.

D. Manuel Ferro Couselo (1910-1998) foi um ilustre sacerdote galego, da Diocese de Santiago de Compostela, no interior e ao serviço da qual exerceu cargos de grande responsabilidade, sendo, à data da sua morte, Arcediago do Cabido da Catedral. Homem inteligente e culto, professor do Seminário durante largos anos, dedicou boas parte do tempo da sua vida ao estu-